

A BOLA NOS PÉS: UM INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL E PARA A AFIRMAÇÃO E INCLUSÃO DO NEGRO NO BRASIL.

*** Guillermo de Ávila Gonçalves**

**** Adolfo Martins Custódio**

RESUMO: Sangue, suor, lágrimas, preconceito e libertação: são estes alguns dos traços que caracterizam a cultura negra no Brasil, compreendida também a partir de suas interseções com o futebol, nosso esporte de identificação nacional. Este trabalho apresenta o percurso histórico do negro brasileiro, dos tempos do regime escravocrata à sociedade pós-moderna. O futebol, inicialmente restrito aos círculos aristocráticos da vida nacional, representava a segregação racial, mas depois se converteu em motivo concreto para a afirmação e construção da identidade social do negro brasileiro, através de conquistas esportivas marcadas por contornos épicos. Considerando elementos como o pó de arroz que clareava a pele dos futebolistas negros e a consolidação do fenômeno 'Pelé', discutimos metodologias voltadas para a inclusão social do negro através do futebol, associando esta modalidade esportiva à pedagogia escolar e aos projetos sociais. Em diversos espaços sociais o futebol deve ser compreendido como mais que uma opção de entretenimento e espetáculo (ainda que essas possibilidades não possam ser negadas), e sim como um fenômeno sociocultural rico em representações simbólicas historicamente construídas e reconstruídas.

“Ainda somos escravos”: era esta uma das manchetes do jornal goianiense O Popular, no dia 13 de Maio de 2006, quando foram comemorados 118 anos da abolição da escravatura. Segundo o periódico, há uma comunidade calunga no nordeste goiano, formada por remanescentes de quilombos, que ainda luta por condições dignas de vida.

Segundo o mesmo jornal, Lionídia Fernandes de Castro, a Dona Lió, de 80 anos e pertencente à comunidade calunga, entende que o 13 de Maio (que representaria a libertação) nada significa. Ela questiona, diante da não-regularização das terras de quatro mil famílias calungas: “desse jeito a gente não tem liberdade. Então continua na escravidão, né?”

As situações acima citadas não são exceções: em pleno século XXI os negros brasileiros ainda lutam por direitos humanos fundamentais. A cidadania plena ainda é um sonho acalentado pelos descendentes daqueles que um dia deixaram o continente africano de forma compulsória, e atravessaram o Atlântico para um encontro com a dor, o sofrimento, o desrespeito e a exploração.

Recentemente, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) realizou um amplo estudo sobre as condições de vida dos negros no Brasil. O estudo em questão determinou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que mede a qualidade de vida de uma população e se fundamenta nas análises do rendimento per capita, na escolaridade e na expectativa de vida quando dos nascimentos. Os números do IDH brasileiro, referentes exclusivamente à população negra, nos colocam em 107º lugar entre 175 países pesquisados. No caso do IDH da população brasileira de cor branca alcançamos a 46ª posição, entre os mesmos 175 países (O POPULAR, 2006).

Ainda segundo O Popular (2006), um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, expôs uma nítida desigualdade entre os rendimentos mensais médios dos trabalhadores brancos e negros: brancos recebem 792 reais e negros 345 reais por um mesmo serviço.

O mesmo estudo revela que as taxas de analfabetismo e mortalidade infantil são maiores entre os negros brasileiros, quando comparados aos brancos. Outros dados preocupantes: no Brasil, 60% dos negros se encontram nas classes D e E; 26% moram em favelas e palafitas; 50% não contam com redes de esgoto e 34% não são servidos por coletas urbanas de lixo. O estudo ainda revela que os negros encontram maiores dificuldades para ocupar cargos políticos, estabelecer seus próprios negócios e conquistar profissões de maior prestígio social.

A compreensão destas estatísticas requer uma breve viagem pelo tempo, que principia com a colonização portuguesa no Brasil. Desde a época colonial traços como suor, lágrimas, preconceito, perseverança e busca pela libertação caracterizam a cultura negra em nosso país. Estes

elementos citados se confundem com a exploração dos escravos, mas também com a participação dos negros na história do nosso esporte de identificação nacional: o futebol. São histórias de tristezas e alegrias, que culminaram com momentos épicos: a abolição da escravatura (ainda não consolidada de forma plena, como descrevemos anteriormente) e a conquista de cinco Copas do Mundo pela seleção brasileira de futebol.

O preconceito e a discriminação que incidiram sobre os negros tiveram origem no Brasil Colônia, quando, através da exploração de mão-de-obra escrava nos engenhos de cana de açúcar, os africanos geravam lucros para seus senhores: as famílias brancas dominantes. Segundo Freyre (2005), esta nossa colonização lançou as bases para a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida.

No Brasil, anos mais tarde, surgiu a campanha abolicionista em prol da libertação dos escravos, intensificada a partir do final da guerra do Paraguai, para a qual os negros foram convocados e colocados nas frentes de batalha. A guerra era outra, para os negros: ao invés do combate, procuravam a fuga para a liberdade.

Em 1888 o Brasil aboliu a escravidão, tendo como fator determinante a pressão externa exercida pela Inglaterra, pois o Brasil era o único país americano que mantinha o regime da escravatura. Em tese, a abolição preconizava uma igualdade jurídica entre os povos, mas na prática o preconceito racial continuou a existir, junto a uma nítida desigualdade econômica e social que diferenciava brancos e negros.

Com o trabalho escravo os negros recebiam o mínimo para sua sobrevivência: a terra fixa para morar. Com o fim da escravatura eles se tornaram cidadãos, “homens livres”, e portanto ficaram sem terras, abrigo e trabalho, ou seja, sem nenhuma perspectiva de melhoria nas condições de vida.

Nos documentos da libertação não foi considerada a necessidade de proporcionar-lhes meios de sobrevivência, como posse de terra para sua fixação e moradia, e em consequência disso os negros se tornaram sujeitos à marginalidade social. Os negros que viviam nas cidades passaram a perambular pelas ruas como mendigos, e os que viviam no campo foram

substituídos no trabalho de colheita do café por imigrantes europeus. Assim sendo, foram destinados aos negros apenas os serviços mal remunerados e que exigiam especializações mínimas, o que restringiu seus espaços de atuação no mundo do trabalho e na sociedade. Mas eis então que surge o futebol...

O futebol, originário da Inglaterra, foi trazido para o Brasil no final do século XIX, e em um primeiro momento foi praticado apenas pelas classes dominantes, excluindo os negros e os brancos pobres. Segundo Risério (2003), Charles Miller, um brasileiro de origem inglesa que voltava de seus estudos em Southampton, na Inglaterra, trouxe a bola para cá no ano de 1894. Nossa elite colonizada se deliciava ao copiar o vocabulário inglês para a identificação dos termos característicos do futebol. Nesse contexto o jogo era chamado de ‘match’, o árbitro era o ‘referee’ e o atacante era conhecido por ‘forward’.

Mais tarde as expressões típicas do esporte ganharam contornos verde-amarelos, e hoje são comuns entre os praticantes do futebol expressões como drible da vaca, meia-lua, dar um nó, dar uma caneta, chapéu, lençol, baba, banheira e pelada. Um intelectual e um músico erudito, na condição insólita de torcedores em um jogo na várzea, provavelmente não compreenderão os significados desse linguajar, ao contrário da criança que, ao crescer chutando um bola de meia, constrói e reconstrói a dinâmica de um jogo essencialmente popular.

Risério (2003) afirma que os primeiros brasileiros a praticar o novo esporte, considerado de muito bom gosto, foram jovens das camadas privilegiadas da população, todos de pele clara e filhos de “boas famílias”, vários de origem inglesa, doutores ou estudantes de medicina e direito. Mas o processo de apropriação popular do futebol não tardaria. Crianças e adultos começaram a bater bola ao ar livre, nas ruas, campinhos de terra e onde quer que fosse possível. A simplicidade das dezessete regras do futebol facilitava a popularização do novo esporte. A bola podia ser feita com um maço de folhas de jornal enfiadas numa meia feminina, de jornal amarrado com barbante, ou simplesmente tomava-se uma laranja, uma lata

velha amassada ou uma tampinha de cerveja como representação do objeto de desejo descrito nas regras do jogo.

Ainda de acordo com Risério (2003), o processo de conquista popular dos times e campos futebolísticos apresentou três marcos fundamentais: os times do Bangu (The Bangu Athletic Club, na verdade), do Ipiranga (na Bahia) e o craque Arthur Friedenreich, mulato de olhos verdes. No caso do Bangu, time de uma fábrica do Rio, os ingleses começaram aos poucos a ser barrados, e os operários foram ocupando os lugares dos mestres, engenheiros e técnicos. A equipe foi mudando de cor, com a presença de mestiços brasileiros. Na mesma época, o grande craque do Ipiranga (na verdade, do futebol baiano) era o negro Popó, um artista da capoeira e com a bola nos pés.

Sobre Friedenreich, Rodrigues Filho (1964) afirma ter sido o craque filho de um alemão com uma mulata brasileira. O mesmo autor diz que Arthur Friedenreich se tornou o primeiro ídolo do futebol brasileiro. A popularidade deste jogador não era originária de suas atuações brilhantes e de seus gols, como aquele que deu ao Brasil o título sul-americano em 1919. Friedenreich era idolatrado por ser mulato, embora não quisesse sê-lo. Foi quando o povo percebeu que o futebol deveria ter todas as cores e etnias, de modo brasileiro, miscigenado, sem divisões de classes sociais. O chute de Friedenreich, ainda que de forma involuntária, teria aberto o caminho para a democratização do futebol brasileiro.

Daolio (2003), segundo uma perspectiva histórica, entende que desde Charles Miller o futebol brasileiro traz em si processos dramáticos e representativos de problemáticas centrais da sociedade. Inicialmente exclusivo das elites, tal esporte rapidamente rompeu os círculos aristocráticos para ganhar as ruas e tornar-se entretenimento popular de largo alcance. Nesse processo de democratização de uma prática desportiva, um dos aspectos mais tensos foi a inserção do negro nos grandes clubes e/ou principais campeonatos de futebol.

Rodrigues Filho (1964) diz que o primeiro time nacional a aceitar um jogador negro foi o Bangu, tendo sido o também carioca Vasco da Gama o precursor na colocação de um time racialmente misto em campo. No

começo o futebol dos grandes clubes era interdito aos negros. No capítulo do racismo na história do futebol brasileiro, aliás, muitos são os casos dignos de registro. Episódios de discriminação e preconceito incluíram atitudes humilhantes dos dirigentes de clubes diante dos atletas negros. O caso de Friedenreich, segundo Risério (2003), foi emblemático: o jogador era um mulato que recusava (ou que era obrigado a recusar, nas circunstâncias políticas e sociais em que viveu) a sua condição mulata. A sua luta para parecer branco se constituía em uma crônica do desespero. Entre outras coisas, ele chegava atrasado aos jogos e se enfurnava no vestiário, tentando alisar e prender seus cabelos crespos com brilhantina, para não ser visto pela multidão como o mulato que era. Estávamos muito longe, então, do cabelo 'black power' de Jairzinho, o Furacão da copa de 1970, e das trancinhas 'afro-reggae' de Ronaldinho Gaúcho, o craque do Barcelona que hipnotiza as multidões no alvorecer do terceiro milênio.

Risério (2003) relata outros fatos interessantes, como o episódio do casamento do jogador negro Hércules com uma associada branca do Fluminense. Na ocasião a diretoria do tricolor carioca proibiu o ingresso de atletas nos quadros sociais da entidade. Entendia-se que a vida social do Fluminense Futebol Clube não era lugar para empregados, mulatos e crioulos – precisamente o caso de Hércules. O Fluminense, de resto, ganhou o epíteto de "pó-de-arroz" em consequência de um caso exemplar de racismo, hoje célebre. Para poder jogar no time, sem deixar transparecer sua condição de negro diante das multidões dos estádios, o jogador Carlos Alberto tinha que disfarçar a cor da pele. Para isso colocava uma máscara branca, que cobria o brilho negro de sua face com espessas camadas de pó-de-arroz. Outros atletas negros e mulatos recorriam com frequência ao mesmo expediente, e também utilizavam toucas para camuflar os cabelos crespos.

Os negros foram segregados também no Rio Grande do Sul, pois, tendo perdido espaço de trabalho para os imigrantes europeus, saíram do campo para a cidade, no chamado êxodo rural, e passaram a habitar as favelas, segundo um processo característico de marginalização. O futebol, à essa época, já alcançava destaque no sul do país, o que fez com que os

negros também praticassem esse esporte entre si, pois a eles não era permitida a prática esportiva junto aos brancos. Por isso os negros sulistas criaram, entre 1915 e 1930, uma liga composta exclusivamente por descendentes de negros africanos, intitulada Liga Nacional de Futebol Porto Alegre. Esta liga foi popularmente conhecida como a Liga da Canela Preta.

Segundo Nascimento (1974), um fato marcante que revolucionou a prática futebolística pelos negros aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1923, quando o Vasco da Gama ganhou o campeonato carioca com uma equipe repleta de brancos pobres, mulatos e negros. Esse título incomodou os outros times, fazendo com que reformulassem o campeonato e os sistemas de disputa, colocando uma cláusula que não mais permitia negros nos clubes de futebol. Com a solidariedade de outras agremiações, o presidente do Vasco da Gama enviou um ofício para a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), organizadora do campeonato carioca, dizendo que o Vasco não mais participaria da entidade, caso as medidas racistas tivessem continuidade. O trecho abaixo transcrito, a partir de Nascimento (1974), demonstra a postura incisiva do Vasco da Gama contra o preconceito racial oficializado pela AMEA:

“Quanto a condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Clube de Regatas Vasco da Gama não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos con-sócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa. Nestes termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA “

O futebol brasileiro sempre se constituiu em um evento espetacular, aglutinador de emoções, sentimentos e vibrações determinados pelas situações do jogo. As palavras de Terto (ex-atacante do São Paulo, e negro) traduzem a magia do futebol:

“no estádio cheio, a bola vem à meia-altura, a gente de costas pro gol. É dar mais um toque, subir com as duas pernas no ar, tocar com um pé que estiver mais a jeito. Você pode perder de 4 a 1, mas jamais vai esquecer aquele um”

A descrição de Terto coincide com a invenção de Leônidas da Silva, também negro, brasileiro, centroavante: a “bicicleta”. Leônidas, artilheiro da Copa de 1938, imortalizou o gesto, perfeita fusão da arte com o futebol.

O futebol ocupa um lugar privilegiado dentre as notícias veiculadas no corpo de jornais e revistas. Este esporte se tornou questão nacional, e até por isso tendemos a buscar culpados pelos insucessos que já experimentamos em competições internacionais, como as copas do mundo.

Na copa do mundo de 1950, disputada no Brasil, nossa seleção foi derrotada na partida final pelo Uruguai, e atletas negros e mulatos (como Barbosa, Bigode, Zizinho e Jair) foram responsabilizados pelo insucesso que ficou conhecido como a “tragédia do Maracanã”. O país foi apanhado de surpresa e as manchetes focalizaram a falta de coragem, fibra e raça dos brasileiros: “sem fibra, os brasileiros não souberam enfrentar a flama de um adversário corajoso” (CORREIO DA MANHÃ, 1950); “deixaram-se levar pelo nervosismo e jogaram abaixo da crítica, inclusive Jair, acovardado com a marcação severa do velho Obdulio Varela” (O DIÁRIO DO POVO, 1950).

A copa de 1950 criou o estigma dos negros como atletas fadados ao fracasso. Tal estigma se “fundamentava” sobretudo nas atuações de Barbosa, goleiro negro que defendeu a seleção brasileira naquele mundial. A partir de Barbosa dizia-se que os goleiros negros não eram competentes para defender as metas, ou seja, eles passaram a ser preteridos em relação aos goleiros brancos.

Teorias questionáveis surgiram a respeito dos fracassos dos negros no futebol brasileiro. Uma “hipótese” da época dizia que os negros não possuíam estrutura emocional para os grandes embates esportivos internacionais, pois sofriam com as saudades de casa, assim como seus antepassados escravizados padeciam de angústias motivadas pelas lembranças da “mãe África”.

As palavras de Rodrigues Filho (1964) traduzem o preconceito que incidia sobre os futebolistas negros na primeira metade do século passado: “apareceu Barbosa, realmente um grande quíper, grande tremedor porém. Tremeu tanto num jogo contra os argentinos em 45 que teve de mudar o calção quando acabou o primeiro tempo”. Estava consolidado o imaginário social negativo sobre os negros no futebol brasileiro, apesar do sucesso de Leônidas da Silva uma década antes. Mas a redenção dos futebolistas negros não tardaria, e surgiria antes mesmo que se completassem 10 anos da tragédia de 1950.

Na copa do mundo de 1958, disputada na Suécia, o Brasil se sagrou campeão mundial pela primeira vez, contando com a arte de atletas negros e mulatos como Pelé, Garrincha, Didi e Djalma Santos. A partir desta conquista o Brasil passou a ser conhecido como o país do futebol arte, que simbolizava a ginga, o drible e a técnica refinada dos nossos jogadores. O futebol arte, produto da miscigenação afro-brasileira, nos fez pentacampeões mundiais. No contexto da cultura brasileira não podemos imaginar o negro sem o futebol, nem o futebol sem o negro. Em outras palavras: o futebol explica, do ponto de vista antropológico, a afirmação do negro brasileiro e a construção de sua identidade social.

Ao analisarmos a evolução do futebol brasileiro e dos seus craques, a raça negra apresenta uma participação marcante em toda a história, pois em cada época pelo menos um atleta negro se tornou referência futebolística nacional. Uma destas referências se tornou o rei do futebol: Pelé, atleta negro, foi o maior de todos, em todos os tempos e em todos os lugares. Ser Pelé passou a ser o sonho de crianças e jovens do Brasil e de todo o planeta. No entanto, o símbolo Pelé, como exemplo do sucesso de uma raça, não foi abordado de uma forma significativa pelos meios de comunicação e pelo sistema educacional em nosso país.

O Rei Pelé e outros craques brasileiros, seus súditos, merecem considerações à parte, por terem protagonizado momentos de rara beleza, de requinte estético e de qualificação extrema do gestual das coreografias realizadas com a bola nos pés. Garrincha, um mulato de talento fenomenal, produziu obras-primas da genialidade corporal. Este gênio de pernas tortas

desafiava as leis da física, driblando previsivelmente sempre para o mesmo lado - a sua direita. Todos sabiam disso; ninguém conseguia pará-lo. Este nosso notável ponta-direita não fazia distinção entre seus marcadores: não importava que o lateral-esquerdo adversário fosse atleta da seleção da União Soviética, do time do América carioca ou do Bonsucesso, time de um subúrbio do Rio de Janeiro. Para Garrincha, seu marcador era um “João” qualquer. Assim surgiu a expressão “João de Garrincha”, que significava “um marcador de Garrincha”, para delírio da crônica esportiva brasileira. Não interessava o nome de seu marcador: também ele seria driblado por Mané Garrincha.

Alguns lances maravilhosos de outros craques, negros e mulatos, fazem parte das memórias inesquecíveis do futebol brasileiro. Podemos citar Ronaldinho Gaúcho e seus gols contra a Inglaterra, na Copa de 2002, e contra a Venezuela, na Copa América de 1999. Este atleta mágico protagoniza lances belíssimos em gramados espanhóis, onde atua pelo Barcelona. Suas arrancadas irresistíveis rumo ao gol adversário associam a magia da técnica refinada à uma extrema capacidade de mobilização da explosão muscular e da velocidade. Robinho, o craque das pedaladas, é outro fenômeno do nosso futebol. Sua sequência de oito pedaladas em direção à defesa do Corinthians, na final do campeonato brasileiro de 2002, culminou com o pênalti que abriu caminho para um título inédito do Santos Futebol Clube, clube de Robinho naquela época. As “bicicletas” de Leônidas da Silva merecem ser citadas, como exemplos da arte acrobática aplicada ao futebol. Seria injusto não mencionarmos também as arrancadas e toques sutis de Romário, o craque dos espaços mínimos; a arte de Ronaldo Nazário, o Fenômeno; a classe de Djalma Santos em suas quatro copas do mundo (de 1954 a 1966); a habilidade de Júnior; o estilo de Rivaldo; o jogo irretocável de Zizinho.

Destaquemos, dentre tantos expoentes negros do futebol arte, Didi e, mais uma vez, Pelé. Didi, a essência do futebol elegante, se consagrou como craque no Botafogo e na seleção brasileira bi-campeã mundial, em 1958 e 1962. Inventou a “folha seca”, um chute que direcionava a bola em rotação para o alto, de onde adquiria um “efeito” todo especial, terminando

por desenhar uma curva imprevista no ar, semelhante à trajetória da folha seca que cai. O destino final da bola se encontrava nas proximidades do travessão, configurando um espetáculo de ilusionismo que traía a perspicácia dos melhores goleiros. No entanto nada, absolutamente nada, se comparou a Pelé...

Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, participou de sua primeira copa do mundo em 1958, na Suécia. Seus gols maravilhosos contra a seleção anfitriã e contra o País de Gales apresentaram o rei do futebol ao mundo. Inúmeros momentos inesquecíveis viriam depois: os gols de placa contra Fluminense e Juventus (SP); o gol contra a Tchecoslováquia na copa de 1970, amortecendo no peito – e durante um salto - um lançamento milimétrico de Gérson; o gol de cabeça contra a Itália, na final desta mesma copa; as atuações fantásticas diante do Benfica, de Portugal, pelo mundial interclubes; os belíssimos gols contra o Corinthians Paulista, vítima preferencial da arte do monarca da bola. Até nos gols que não aconteceram Pelé foi único. São os casos de dois lances pela seleção brasileira, ambos na copa de 1970: o drible de corpo em Mazurkiewicz, o goleiro uruguaio, com a bola passando por um lado do arqueiro e Pelé contornando-o pelo outro, para no final desferir um chute que passou raspando a trave; e o chute do meio do campo contra a Tchecoslováquia, quando Pelé percebeu o goleiro Viktor adiantado e o obrigou a uma patética corrida em busca da bola, que por fim passou ao lado da trave.

Risério (2003) entende que a semiótica do futebol brasileiro pressupõe uma análise a partir da antropologia do corpo, do jeito de andar do brasileiro como fruto de uma miscigenação para a qual o sangue africano muito contribuiu. Sobre o andar cadenciado das mulatas dos litorais da Bahia e de Pernambuco já fazia referência Freyre (2005). Segundo Risério (2003), trata-se de um rebolado, um remelexo, um movimento das ancas em vai-e-vem, uma ginga a meio caminho entre o andar e a dança. É esse andar cadenciado, esse movimento dos quadris, que vai se expressar, de modo mais rítmico e acelerado, na roda de samba. O mesmo autor destaca também a evidente relação gestual entre o repertório de golpes da capoeira e determinados movimentos corporais dos jogadores brasileiros. A tão

citada "bicicleta" de Leônidas, por exemplo, nos traz à lembrança os giros de corpo da capoeira, assim como à capoeira remetem o corta-luz e o carrinho.

Realizadas algumas considerações sobre o futebol como fonte de expressão artística e cultural, passemos para a análise deste esporte segundo uma perspectiva pedagógica. O futebol, fenômeno das massas nos séculos XX e XXI, tem se constituído em importante instrumento para a união das nações, povos e etnias. Sua trajetória em terras brasileiras se identificou inicialmente com as elites, mas depois se popularizou, tornando-se acessível a todas as camadas sociais. É justamente por isso que seu caráter de inclusão social pode e deve ser pedagogicamente abordado no Brasil.

Além de discutir o futebol como um instrumento para a afirmação e a construção da identidade social do negro brasileiro, este trabalho pretende apresentar algumas propostas metodológicas voltadas para a inclusão social do negro através do futebol, associando este último à pedagogia escolar e aos projetos sociais. Em várias situações, evidentemente, as propostas metodológicas, concebidas como campo de intervenção da Educação Física, apontarão para outros grupos vitimados por preconceitos e discriminações, como os miseráveis, os homossexuais, os sem-terra, os sem-teto e os analfabetos.

O futebol, no Brasil, apresenta atrativos capazes de retirar jovens negros, mulatos e brancos da marginalidade, e abre possibilidades para que a juventude alcance uma nova perspectiva de vida, como contraposição aos males da sociedade. Tal perspectiva deve considerar a inclusão social não somente no sentido de "estar junto", mas também segundo um formato que possa gerar o acesso à educação, segurança e saúde.

O jogo de futebol apresenta igualdades numéricas e raciais, pois a partir do apito inicial do árbitro as oportunidades são iguais para todos os jogadores e para as duas equipes. Esse exercício de igualdade não privilegia idiomas, classes sociais, etnias ou credos, e eventuais destaques individuais surgem em função do nível técnico de algum praticante. O torcedor comum, quando vai aos estádios, admira o exercício de igualdade

que não faz parte do seu cotidiano, uma vez que nossa sociedade infelizmente se caracteriza por desigualdades sociais e econômicas profundas. As desigualdades e injustiças não estão, portanto, dentro de campo, mas fora das quatro linhas.

A cultura brasileira não pode ser dissociada do negro e do futebol. Tanto o futebol quanto a raça negra não tem origem em terras brasileiras, mas a união entre estes dois elementos fez do futebol brasileiro o melhor do mundo. Além do destaque internacional, o futebol se constitui no esporte mais praticado no Brasil, e também mais consumido enquanto esporte-espetáculo.

Os fenômenos culturais que associam o negro ao Brasil extrapolam os limites de um campo de futebol, e se estendem aos golpes dos capoeiristas e ao samba que a mulata traz no pé. Assim, podemos dizer que o negro contribuiu não apenas para a magia do futebol brasileiro, mas também para a consolidação do jeito brasileiro de ser. A partir da estreita ligação que associa a raça negra ao futebol brasileiro, abordaremos possibilidades de trabalho que viabilizem a inclusão social do negro (ou a conscientização sobre a necessidade dessa inclusão) em nosso país.

No ambiente escolar, por exemplo, o futebol não deve ser tratado enquanto prática pela prática, mas deve ser considerado como conteúdo histórico e social que possa ser discutido e reconstruído pelos alunos. O futebol deve ser trabalhado na escola como fenômeno social rico em representações simbólicas, e não apenas como fator de diversão e entretenimento, ainda que estas possibilidades não possam ser negadas.

No que se refere à prática pedagógica na escola, professores e alunos devem estabelecer analogias e contextualizações entre situações do esporte e do cotidiano social, tais como a auto-superação, a solidariedade, o trabalho em equipe, o exercício da criticidade e o respeito ao próximo e às diferenças. As circunstâncias referentes aos papéis desempenhados pela raça negra no futebol e na vida social também devem ser alvos de discussões nas aulas de Educação Física, História, Geografia e outras disciplinas.

Ainda na escola, mas também nas manifestações de lazer fora dela, são importantes as propostas comprometidas com a educação pelo lazer e para o lazer. Segundo Marcellino (2000), a educação pelo lazer se utiliza do lazer como veículo de educação, visando a formação de pessoas críticas e transformadoras da realidade social. No contexto da inclusão social dos negros, manifestações de lazer como o futebol podem ser vivenciadas por crianças e adolescentes. Se encaixaria bem nesse propósito a realização de uma partida de futebol com regras modificadas pelos próprios alunos: dessa forma eles seriam responsáveis pela construção de uma nova forma de jogo. Ao final da atividade, o professor abordaria a ruptura com os padrões pré-estabelecidos pelas regras oficiais do futebol, contextualizando a quebra de estereótipos em uma realidade social mais ampla. Desse modo, estariam abertas as portas para a conscientização dos alunos sobre as possibilidades de ruptura com os preconceitos raciais.

A educação para o lazer também pode estabelecer ligações com a redução/eliminação dos preconceitos raciais e a viabilização de uma efetiva inclusão social dos negros. De acordo com Marcellino (2000), a educação para o lazer objetiva a formação de cidadãos comprometidos com a conquista de um tempo livre para o lazer, a qualificação e a diversificação do lazer. Esta diversificação prevê as vivências dos conteúdos culturais do lazer: o físico/esportivo, o manual, o artístico, o intelectual, o social e o turístico.

Os diversos conteúdos culturais do lazer devem ser democratizados, inclusive a partir da intervenção das políticas públicas. No caso do lazer esportivo em geral, e particularmente do futebol, as ações pedagógicas devem estar alicerçadas na formação de pessoas capazes de vivenciar o 'lazer de qualidade', compreendido como uma dimensão privilegiada da expressão humana absolutamente intolerante com as discriminações e preconceitos de qualquer espécie.

São também possibilidades pedagógicas de abordagem da temática *inclusão social do negro no Brasil*: apresentações de vídeos e realização de debates envolvendo a cultura negra associada ao futebol, visitas aos clubes profissionais de futebol com o estabelecimento de contatos entre os atletas

negros e os alunos, e ainda a realização de eventos esportivos nos quais os professores possam adotar o discurso e a prática das diversas formas de igualdade, dentre elas a racial.

Os trabalhos educativos voltados para a inclusão social do negro brasileiro não devem se restringir aos espaços delimitados pelos muros das escolas. Também os projetos sociais, sobretudo aqueles realizados em áreas caracterizadas por situações de risco de marginalização, devem estar comprometidos com a inclusão social da raça negra, pois dados estatísticos revelam que a maior parte das populações das favelas são constituídas por negros.

Os projetos sociais devem proporcionar atividades educativas para as crianças e adolescentes, nas áreas artística, cultural, escolar e esportiva. Nesse contexto os benefícios para a inclusão social do negro poderiam ser viabilizados de três formas distintas: a) pela conscientização das crianças e adolescentes sobre a necessidade de promoção da igualdade racial; b) pela revelação de talentos esportivos e artísticos que proporcionem ao negro a ocupação de espaços sociais de destaque e os recursos necessários para uma vida digna; e c) pela qualificação profissional que permita ao futuro cidadão negro uma digna inserção no mundo do trabalho.

Devemos ressaltar que estes projetos sociais não devem atingir apenas as crianças e adolescentes, mas também suas famílias. A inclusão social do negro, como de outros grupos, passa muitas vezes pela reorganização das estruturas familiares, segundo uma perspectiva de trabalho socialmente mais amplo.

Os projetos sociais inclusivos são fundamentais em uma sociedade como a brasileira, caracterizada por desigualdades e preconceitos. Devem possuir um caráter de amplitude, contemplando a promoção da saúde, a alimentação adequada e ações educativas. O esporte, de forma geral, e o futebol, de modo particular, podem se constituir em importantes instrumentos para a permanência das crianças e adolescentes nos projetos em questão.

Concluindo, devemos dizer que a inclusão social do negro brasileiro se caracteriza por ser uma problemática urgente, ainda que esteja longe de

ser nova. Ações pedagógicas e sociais se tornam fundamentais, desde que não tragam consigo o estereótipo do mero assistencialismo.

A inclusão social do negro, no Brasil, passa pelo resgate da cultura de uma raça, social e historicamente construída. O futebol faz parte desta cultura, indiscutivelmente. O sistema educacional, os projetos sociais, a mídia e outras instituições têm, em suas mãos, as histórias que unem o futebol aos negros, e que inclusive viabilizaram a inclusão social destes últimos. O negro brasileiro está totalmente incluído no mundo do futebol: resta-nos agora a luta para que esta inclusão se estenda a todas as situações e circunstâncias da vida nacional.

REFERÊNCIAS

CORREIO DA MANHÃ, 1950.

DAOLIO, J. *Cultura: Educação Física e Futebol*. 2.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.

MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 2000.

NASCIMENTO, A. *Uma pedrinha na chuteira*. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 1974.

O DIÁRIO DO POVO, Rio de Janeiro, 1950.

O POPULAR, Goiânia, 13 mai. 2006.

RISÉRIO, A. *Futebol: barroco-mestiço*. Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Cultura. www.cultura.gov.br/noticias/artigos. 2003.

RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

* Guillermo de Ávila Gonçalves

Mestre em Ciências do Esporte pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), docente do Departamento de

**Educação Física e Desportos da Universidade Católica de Goiás (UCG) e do
Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET-GO)**

E-mail: guillermouc@yaho.com.br

**** Adolfo Martins Custódio é graduado em Educação Física pela
Universidade Católica de Goiás.**

E-mail: amcpalmeiras@hotmail.com